

A SEMANA – 108

John Gledson

Crônica das mais curiosas, que contrasta o passado longínquo, dos anos 1840, da infância do autor, com a atualidade. Já na crônica de 26 de junho de 1864, de “Ao acaso”, Machado reconhecia que a noite de São João já não era o que tinha sido, pelo menos na cidade – na roça ainda se mantinha, como em alguns lugares se mantém ainda hoje. O conto “O diplomático” (de 1884), que faz uma parceria maravilhosa com esta crônica, é situado em 1854. Mas vai além da pura nostalgia, sendo uma meditação sobre a passagem do tempo, e os “progressos” do século. Este processo vai junto com a “democratização” – a frase “oligarquia de junho”, que se refere aos três santos homenageados nas festas juninas, ecoa a tendência (universal no Império) a definir ministérios e regimes pelas suas datas, e ecoa a frase “monarchie de Juillet”, com que se referia ao regime orleanista de 1830-1848 na França – o detalhe de maiusculizar o nome do mês, na sua segunda ocorrência, é perfeitamente intencional. Vê-se, porém, sobretudo no fim da crônica, que Machado não acredita muito neste processo, que acaba em conflitos e ilusões massificadas – “basta que um par de queixos mastigue de verdade, para fazer remoer todos os queixos vazios”. Sobre tudo isto paira o desejo humano de conhecer e dominar o futuro, cada vez mais difundido e desvairado – o espiritismo, as loterias etc. –, que forma parte da substância de *Esau e Jacó*. É curioso que os “filósofos e fisiologistas” citados vão do mais sóbrio (Descartes) aos mais suspeitos (os defensores da frenologia).

Por último, há a curiosíssima referência à tradução brasileira, via francês, de *Othello*, descoberta dos editores da *Machadiana Eletrônica*. Será que Machado realmente não se lembrava da origem da frase, errando também o nome do personagem, Odalberto no “original”? Não sabemos, mas não deixa de ser curioso que seja essa justamente a peça aludida, e que a frase seja a resposta de Otelo aos insultos do pai de Desdêmona sobre a sua raça.



A SEMANA

24 de junho de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Peguei na pena, e ia começar esta *Semana*, quando ouvi uma voz de espectro: “S. João! sortes de S. João!” A princípio cuidei que era alguma loteria nova, e molhei a pena para cumprir esta obrigação. Não tinha assunto, tantos eram eles;¹ mas a boa regra, quando eles são muitos, é deixar ir os dedos pelo papel abaixo, como animais sem rédea nem chicote. Os dedos dão conta da mão, salvo o trocadilho.

Mal escrevera o título, ouvi outra vez bradar: “S. João! sortes de S. João!” Ergui-me como um só homem, desci à rua e fui direito ao espectro. O espectro levava meia dúzia de folhetinhos na mão; eram sortes, eram versos para a noite de S. João, que foi ontem.² Arregalei os olhos, que é o primeiro gesto, quando se vê alguma coisa incrível; depois fechei-os para não ver o espectro, mas o espectro bradava-me aos ouvidos; tapei os ouvidos, ele fitava-me os velhos olhos cavados de alma do outro mundo. Vai, disse eu, o Senhor te dê a salvação. O vulto pegou em si e continuou a apregoar as sortes do santo, arrastando os pés e a voz, como se realmente fizesse penitência.

Tornei a³ casa, e, como nos mistérios espíritas, concentrei-me. A concentração levou-me a anos passados, se muitos ou poucos não sei, não os contei; era no tempo em que havia S. João e a sua noite. Gente moça em volta da mesa, um copo de marfim e dois ou três dados. Fora ardiam as últimas achas da fogueira; tinham-se comido carás e batatas; ia-se agora à consulta do futuro. Um ledor abria o livro das sortes, e dizia o título do capítulo: “Se há de ser feliz com a pessoa a quem adora.” Corriam os dados. O ledor buscava a quadrinha indicada pelo número, e sibilava:

Felicidades não busques,
Incauta...

¹ Pelo menos ao que parece, o único acontecimento de maior significado da semana foi o fim da apuração dos votos da eleição presidencial, com a eleição de Prudente de Moraes para presidente e Manuel Vitorino para vice-presidente, acontecimento que a *Gazeta* saúda vivamente no dia 23 de junho.

² Para os livros de sortes, ver nota 10.

³ “à” na *Gazeta*, e em Aurélio.

Vós que nascestes depois da morte de S. João, e antes da *Morte de D. João*,⁴ não cuideis que invento. Não invento nada; era assim mesmo. Remontemos ao dia 24 de junho de 1841. Se pertenceis ao número dos meus inimigos, como Lulu Sênior,⁵ repetireis a velha chalaça de que foi nesse ano que eu fiz a barba pela primeira vez. Eu me calo, Adalberto, eu não respondo, como dizia João Caetano em não sei que tragédia, contemporânea do santo do seu nome.⁶ Tudo morto, o santo, a tragédia, o ator, talvez o teatro, – o nacional, que o municipal aí vem.⁷

Remontemos ao dito ano de 1841. Aqui está uma folha do dia 23 de junho.⁸ Como é que veio parar aqui à minha mesa? O vento dos tempos nem sempre é a brisa igual e mansa que tudo esfolha e dispersa devagar. Tem lufadas de tufão, que fazem ir parar longe as folhas secas ou somente murchas. Esta desfaz-se de velha; não tanto, porém, que se não leiam⁹ nela os anúncios de livros de sortes. É o *Fado*, que a casa Laemmert publicava, quando estava na rua da Quitanda, um livro repleto de promessas, que mostrava tudo o que se quisesse saber a respeito de riquezas, heranças, amizades, contendas, gostos.¹⁰ Aqui vem outro, o *Novíssimo jogo de sortes*, “por meio do qual as

⁴ *A morte de D. João*, de Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923), é de 1874. É uma sátira contra o donjuanismo, que fez escândalo. Segundo António José Saraiva e Óscar Lopes, representa um “romantismo ainda mal virado pelo avesso”.

⁵ Pseudônimo de Ferreira de Araújo, o dono da *Gazeta* (e muito amigo de Machado), usado para as suas crônicas – por exemplo, “Macaquinhos no sótão”.

⁶ “Adalberto” é, sem sombra de dúvida, Odalberto, personagem do *Otelo*, de Ducis, que Gonçalves de Magalhães traduziu e João Caetano levou à cena em 1841. As palavras citadas – “Eu me calo, Adalberto, eu não respondo” – são citação literal de uma resposta de Otelo a Odalberto, na cena V do ato Primeiro do *Otelo* de Gonçalves de Magalhães. Sabe-se que Ducis, entre outras adaptações e liberdades que tomava em relação aos textos de Shakespeare que recriava em francês, trocava os nomes das personagens. Na versão de Ducis, num momento importante, ao ser acusado de ser o “monstro” que seduziu sua filha, diz Otelo a Odalberto, pai de Desdêmona (Brabantio, no original): “Odalbert, je me tais; je ne puis vous répondre” (*Othello*, acte I, scène V). (DUCIS, F. P. *Oeuvres*, tome second. Paris: Chez Nepveu, Libraire, 1819. p. 190) Gonçalves de Magalhães traduziu essa peça a pedido de João Caetano, e, na carreira desse ator, a interpretação desse personagem foi a que maior prestígio lhe rendeu. Para a relação do grande ator com Shakespeare e Ducis, ver, por exemplo, Décio de Almeida Prado, *João Caetano* (São Paulo: Perspectiva, 1972), p. 25-28.

⁷ Nos seus últimos momentos (morreu em 1863) João Caetano teria dito, segundo o ator Vásquez: “Morro... e morre comigo o teatro nacional”. A construção do teatro municipal do Rio de Janeiro já entrara em discussão: Arthur Azevedo propusera a sua construção, e foi promulgada em 1894 uma lei autorizando a sua construção: só se faria realidade, porém, na década seguinte. O “santo do seu nome” parece que é São Caetano de Thiene (1480-1547), fundador da ordem dos Teatinos.

⁸ É curioso que numa crônica de “Bons Dias!”, do dia 14 junho de 1889, Machado, em contexto diferente, se refira a um exemplar do *Jornal de Commercio* de 10 de setembro do mesmo ano, 1841.

⁹ Na *Gazeta*, está “le vem”, que parece claramente engano dos compositores. Aurélio corrige para “leiam”, sem anotar.

¹⁰ Dos quatro livros citados, só encontrei um, *A Mulher do Simplício*, que na verdade era jornal – mas existiam vários livros destes, e nos jornais da época se anunciavam com certo destaque. Eis aqui um exemplo, do *Correio Mercantil* de 23 de junho de 1848: “Vende-se agora por 1\$000 réis / O ADIVINHADOR DO FUTURO / maior e mais completo livro de sortes que existe para / NOITE DE SÃO JOÃO / Na loja de Paula Brito”. A casa Laemmert, de Eduardo e Henrique Laemmert, alemães de origem, foi formada em 1838, na rua da Quitanda, n. 77, e publicava uma grande variedade de livros. Para mais detalhes, ver Laurence Hallewell, *O livro no Brasil*, p. 160-170. *A Mulher do Simplício*, ou *A*

senhoras podem vir ao conhecimento do que mais lhes interessa saber, como seja o estado que terão na vida, se encontrarão um consorte que as estime e respeite, se terão abundância de bens de fortuna, se serão felizes com amores”. Cá está *A mulher de Simplício*, que dava uma edição extraordinária “com mais de mil sortes”. Eis agora o *Oráculo das senhoras*, conselheiro oculto, diz o subtítulo, e acrescenta: “respondendo de um modo infalível a todas as questões sobre as épocas e acontecimentos mais importantes da vida, confirmado pela opinião de filósofos e fisiologistas mais célebres, Descartes, Buffon, Lavater, Gall e Spurzheim”.¹¹

Quem não ia pela fé, ia pela ciência, e, à força do Batista¹² ou de Descartes, agarravam-se pelas orelhas os segredos mais recônditos do futuro, para trazê-los ao clarão das velas, porque ainda não havia gás.¹³ Tudo por dez tostões, brochado; encadernado, dois mil-réis. O mistério ao alcance de todas as bolsas era uma bela instituição doméstica. As cartomantes creio que levam dois ou cinco mil-réis, segundo as posses do freguês; é mais caro. Quanto à Pítia, avó de todas elas, os presentes que iam ter ao templo de Delfos, eram custosos, ouro para cima.¹⁴ E nem sempre falava claro, que parece ter sido o defeito dos adivinhos antigos e de alguns profetas. Ao contrário, os nossos livros eram francos, diziam tudo, bem e com graça, uma vez que os buscassem unicamente em três dias do ano.

Agora já não há dias especiais para consultar a Fortuna. Os santos do céu rebelaram-se, deram com a oligarquia de junho abaixo e proclamaram a democracia de todos os meses. Não se limitaram a anunciar coisas futuras, disseram claramente que já as traziam nas algibeiras, e que era só pedi-las. A terra estremeceu de ansiedade. Todas as mãos estenderam-se para o céu. No atropelo era natural que nem todas apanhassem tudo. Não importa: continuaram estendidas, esperando que lhes caísse alguma coisa.

Entretanto, a fartura precisa de limite, e onde entra excesso, pode muito bem entrar aflição. Os oráculos vieram cá abaixo disputar a veracidade dos seus dizeres, e cada um pede para os outros o rigor da autoridade. A opinião de uns é que os outros

Fluminense Exaltada era uma revista feminina lançada por Francisco de Paula Brito, a primeira do país, e que circulou entre 1832 e 1846. Alguns exemplares existem na Hemeroteca Brasileira da Biblioteca Nacional: inclusive o de 21 de junho de 1840, que contém uma excelente mostra dos versos de sortes. Cada página (são 24 ao todo) tem duas séries de quadras, de 2 a 12 (para cada possível resultado dos dados), uma para homens e outra para mulheres: ao todo, são mais de 500 quadras. Respondem a perguntas como “Qual há de ser sua maior ventura?”, “Se deve ir a bailes, teatros ou patuscadas”, “Quantos amores logrará num ano”, “Se obrará com razão em ter ciúmes” etc. Eis uma das respostas à primeira pergunta: “A ventura, que buscais / com vosso esp’rito não cola / Esse moço a quem amais / É um pateta, um gabola”. Não localizei o *Oráculo das senhoras*.

¹¹ René Descartes (1596-1650) filósofo francês; Georges-Louis Leclerc, Comte de Buffon (1707-1788), naturalista francês; Johann Kaspar Lavater (1741-1801), fisiognomista suíço; Franz Joseph Gall (1758-1828), fisiologista e reputado fundador da frenologia; e Johann Spurzheim (1776-1832), médico alemão e um dos mais importantes divulgadores da frenologia.

¹² Isto é, São João Batista.

¹³ O gás chegou ao Rio em 25 de março de 1854, e se estendeu pela cidade nessa década.

¹⁴ A Pítia era a sacerdotisa do oráculo de Delfos, na Grécia antiga. As suas profecias costumavam revelar-se ambíguas, parecendo significar uma coisa, mas de fato cumprindo-se de outro jeito.

corrompem os corações imberbes ou barbados, que têm a fé pura e o sangue generoso. Tal é a luta que aí vemos, em artigos impressos, entre Santa Loteria, S. Book-Maker, S. Frontão, e não sei se também S. Prado,¹⁵ dizendo uns aos outros palavras duras e agrestes.¹⁶ Parece que a liberdade da adivinhação, proclamada contra a oligarquia de Junho¹⁷, não está provando bem, e que o meio de todos comerem, é não comerem todos. Esta descoberta, a falar verdade, é antiga, é o fundamento da esmola; mas nenhum dos contendores quer receber esmola, todos querem dá-la, e daí o conflito.

Que sairá deste? Não creio na exterminação de ninguém; pode haver algum acordo que permita a todos irem comendo, ainda que moderadamente. Uma religião não se destrói por excesso de religionários. O pão místico há de chegar a todos, e basta que um par de queixos mastigue de verdade, para fazer remoer todos os queixos vazios. O que eu quisera, é que, no meio da consulta universal, S. João continuasse o seu pequeno e ingênuo negócio, congregando a gente moça, como em 1841, para lhes dizer pela boca do *Fado* ou do *Oráculo das senhoras*:

Felicidades não busques,
Incauta...

Poetas, completai a estrofe. Cabe à poesia eternizar a mocidade, e este Batista, que nos pintam com o seu carneirinho branco, é patrão natural dos moços, – e das moças também. Digo-vos isto no próprio estilo adocicado daquele tempo.



¹⁵ Variedades de jogo de azar. Nos “frontões” jogava-se pelota basca, ou pelotaris, como se chamava na época (ver a crônica de 14 de janeiro de 1894, nota 2); o Prado é o Jóquei.

¹⁶ Aqui, por erro, a *Gazeta* tem uma vírgula.

¹⁷ A inicial maiúscula – única nos nomes de meses na “Semana” – é obviamente intencional (como aliás é a não maiusculização da ocorrência anterior da frase). Alude humoristicamente à “monarchie de Juillet”, sempre escrita assim em francês, língua em que também não se maiusculiza habitualmente os nomes dos meses. A monarquia de Julho é nome comum do reinado de Luís Filipe de Orleães, iniciado em julho de 1830 por uma revolução, e caindo noutra em fevereiro de 1848.